

C H R I S T I N E M.

ENQUANTO A CHUVA CAÍA



1

Três anos antes



Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

A única coisa que eu não consigo controlar em situações de crise é o batimento cardíaco. Eu faço o que tenho que fazer: interrogo, bato, invado esconderijos e até mato. Tudo bem para mim. Só que faço tudo isso com o coração latejando na minha carótida. Fico calmo, dou até risinhos, mas a veia atravessada no meu pescoço parece querer saltar pele afora, e isso me enerva.

Encaro o traficante que fugiu de São Paulo sem cumprir seus acordos e me pergunto se ele percebeu meu batimento acelerado imaginando que essa reação física denota nervosismo. Não sei quem ele é, nem o que fez. Apenas sei que meu telefone tocou no meio da noite e a missão me foi dada. Não faço perguntas, quer dizer, a única que faço é quanto vou receber. Depois, me mandam um envelope com as instruções e o dinheiro. Recebo adiantado; minha fama atual me permite esse capricho. A quantia é boa e ainda vai dar para visitar minha irmã em São Leopoldo, interior do Rio Grande do Sul, uma cidadezinha que não conhece meio-termo e que te cozinha e te congela na mesma proporção. Só por isso estou aqui, e, não se engane, não estou nervoso.



O cara está dificultando minha vida, então decido levá-lo para dar uma volta. Nada como passear no porta-malas e ser tirado de lá no meio de um matagal sem iluminação para ajudar a resolver problemas de memória. Embora eu o encare e perceba que ele é um daqueles que morrem sem dizer nada, decido seguir com o roteiro. Sem problemas se ele resistir, mas tenho que cumprir o prometido. Se ele vai morrer, será por não aguentar e não por eu ter desistido de fazê-lo falar.

Antes que ecoem gritos de piedade, deixe-me explicar: eu não sou o vilão. Esses canalhas que passeiam no meu carro e me fazem gastar punhos e balas são, quando bons, bandidos. Eu lido com o pior, e lido com os dois lados. Trabalho para a polícia, mas não sou policial. Sou eu quem limpa a sujeira que já estava embaixo do tapete e sou eu quem, não raramente, aumenta esse lixo também. Não há um termo oficial para o meu cargo, e eu não apareço na folha de pagamentos. Você já deve ter ouvido falar em informantes. Só que eu não apenas informo; eu também resolvo. Entende? Pense em um informante com benefícios. Eu sou esse cara.

Não lembro como comecei. Acho que meu primeiro caso não foi bem uma informação, e sim uma questão pessoal. Minha mãe, que Deus a tenha em um lugar onde não possa me ver durante o trabalho, prestava serviço em uma padaria que muitas vezes não tinha pão porque faltava farinha. Aparentemente, o tipo de pó lá era outro. Eu devia ter uns quatorze anos e vi o cara arrastando minha mãe pelo braço. Fiquei uma semana escondido só olhando o movimento, anotando horários, a descrição física de quem entrava e saía e marcando as placas dos caminhões que pareciam entregar e retirar produtos. Depois, fui até a casa do único policial civil que eu conhecia: meu tio. O resto é história, batida, polícia e tiroteio.

Tentei entrar para a corporação, mas me disseram que eu era bom no que fazia, e a diferença no dinheiro que ganharia nem me deixou pensar duas vezes. Aceitei essa vida dupla, tripla e sem muita regra. Não tenho nenhum problema com o tipo de vida que levo.



Para dizer a verdade, fico imensamente mais tenso na mesa que ocupo como advogado do que de madrugada, *limpando a cidade*. O problema é que a coisa anda piorando para o meu lado. Prestei serviços demais, matei demais, descobri coisas demais e agora tem gente atrás de mim. Querem me dar uma nova vida, aposentadoria com louvor, disseram que seria uma folha totalmente em branco para eu começar de novo, mas não sei se me animo com essa ideia. Não sei o que fazer com uma folha em branco. Não escolhi muito bem na primeira vez e, pelo que sei, sou exatamente o mesmo. O que garante que não vou me encrencar ainda mais?

O cara não fala o que eu preciso saber e está agonizando no chão. Jogo-o de volta no porta-malas, decido levá-lo para São Paulo e entregá-lo para quem se interessar, mas penso em Clarice e atiro nele de uma vez. Esse cara não vai conseguir atrapalhar meu fim de semana de folga. Vou para São Leopoldo comer churrasco e brincar com meus sobrinhos. Jogo o cara de volta no chão. Preciso me distrair menos enquanto trabalho, para evitar ficar carregando em vão um homem de um metro e setenta e que pesa uns oitenta quilos. Jogo gasolina e tacho fogo. Missão cumprida. Menos um excremento no mundo. Quanto ao que ele não disse, tudo bem. Outro dirá. Uma hora eles sempre dizem...

Ligo o carro e saio calmamente, nem me lembro da veia saltadora. Talvez este seja o meu último serviço, ou quem sabe o penúltimo... Ainda tem muita munição lá em casa.